TOBIAS BARRETO: SUA VIDA E SUAS POESIAS PATRIÓTICAS "GUERRA HOLANDESA", "À VISTA DO RECIFE" E "FIM DA GUERRA".

CRISTINA, Juliana.
Julianacristina85@yahoo.com.br
SANTANA, Karine Costa.
costsant4@yahoo.com.br
SANTANA, Maria Alcenira O. de.
mariaalcenira@yahoo.com.br

LIMA, Luiz Eduardo de A. (Orientador)
Professor graduado em Letras Português – Inglês, pós-graduado em Educação pela Universidade de Brasília, Crítico Literário e Tradutor.
E-mail: leduardoalim@uol.com.br

RESUMO

No presente artigo apresentamos os vários momentos da vida e da obra de Tobias Barreto, em que são encontrados e revelados aspectos de sua contribuição à cultura brasileira que fica difícil distinguir no qual ele foi mais genial. Na renovação da estética literária, como poeta social, condoreiro, nas ruas do Recife agitando o povo, tendo como mote a guerra contra o Paraguai. No jornalismo político e polêmico, afirmando sua convicção liberal e guerreando contra o clericalismo dominante.

A obra de Tobias Barreto nos jornais e nos livros, nas ruas e nas cátedras, na tribuna da Assembléia ou no Foro é sublinhada por uma coerência pouco conhecida no Brasil até então, e marcada pela força do pensamento próprio, reflexivo diante de uma realidade adversa para todos os brasileiros de sua época, salvo algumas exceções de senhores de terras e de escravos, e particularmente adversa para ele próprio, pela sua condição racial e de pobreza.

Achamos por necessário lembrar este importante célebre sergipano, pois, a ação deste pensador batia com seu enunciado de que a sociedade brasileira não se organizara, fora organizada, chamando a atenção para a diferença.

Palavras Chaves: Tobias Barreto, sociedade, literatura, direito, condoreirismo.

1. INTRODUÇÃO

Nos vários momentos da vida e da obra de Tobias Barreto são encontrados e revelados aspectos de sua contribuição à Cultura Brasileira.

A obra de Tobias nos jornais e nos livros, nas ruas e nas cátedras, na tribuna ou no Foro é marcada pela força do pensamento próprio, reflexivo diante de uma realidade adversa para a maioria dos brasileiros dos meados do século passado, particularmente adversa para ele, pela sua condição racial e de pobreza.

No centro da obra de Tobias Barreto duas vertentes marcaram sua atividade intelectual: a da sociedade e a do direito. Mesmo tendo recebido uma formação religiosa, católica, Tobias Barreto rejeitou a aliança da ciência com a religião, com a mesma ênfase que refutou a aliança da liberdade com a ordem, ambas defendidas na Faculdade de Direito do Recife.

Sobre a liberdade, Tobias Barreto tem expressões antológicas: "Nenhum povo é realmente grande, senão pela liberdade que tem ou que conquista". Este conceito de liberdade mexia com a ordem, esta tida, à época como ainda hoje, como o predomínio da força inspirando o temor. Enquanto a ordem era a submissão, a liberdade era uma conquista do homem. Na visão ampla do teórico, a liberdade é uma insubmissão aos domínios do poder. A voz do mestre tem um sólido compromisso com a liberdade, com a ruptura da ordem e com a organização do povo. O Racionalismo ou Cientificismo de Tobias Barreto tem servido para que muitos dos seus críticos cometam injustiças contra o sergipano. Sem fraquejar, Tobias assume posição clara de defesa da ciência, para engrossar as teses da origem cultural e social do direito.

> "**Tobias Barreto** de Meneses, figura de indiscutível relevo na cultura brasileira, professor de Direito que, na Faculdade do Recife, abriu novos rumos ao ensino jurídico no Brasil, a par de suas obras nessa especialidade e de estudos filosóficos que tiveram grande repercussão, foi também poeta e, por vezes, feriu notas brejeiras em sua lira. Poeta, não figura entre os maiores, embora como humorista do verso lhe não faltem graça e espontaneidade." (Antologia de Humorismo e Sátira, 1957, pág 95).

Neste artigo, pensamos que é de extrema importância, relatar a trajetória de Tobias Barreto de Menezes, visto que, na literatura verifica-se a escassez do presente tema.

2. ROMANTISMO NO BRASIL: CONTEXTO HISTÓRICO CULTURAL

Após 1822, cresce no Brasil independente o sentimento de nacionalismo, busca-se o passado histórico, exalta-se a natureza da pátria; na realidade, características já cultivadas na Europa e que se encaixavam perfeitamente à necessidade brasileira de ofuscar profundas crises sociais, financeiras e econômicas. Em 1822, D. Pedro I concretiza um movimento que se fazia sentir, de forma mais imediata, desde 1808: a independência do Brasil. A partir desse momento, o novo país necessita inserir-se no modelo moderno, acompanhando as nações independentes da Europa e América. A imagem do português conquistador deveria ser varrida; há a necessidade de auto-afirmação da pátria que se formava. O ciclo da mineração havia dado condições para que as famílias mais abastadas mandassem seus filhos à Europa, em particular França e Inglaterra, onde buscam soluções para os problemas brasileiros, apesar de não possuir o Brasil a mesma formação social dos países industrializados da Europa, representada pelo binômio burguesia/ proletariado. A estrutura social brasileira ainda era marcada pelo binômio aristocracia/ escravo; o "ser burguês" era mais um estado de espírito, norma de comportamento, do que uma posição econômica e social.

Um dos fatos mais importantes do Romantismo foi a criação de um novo público, uma vez que a literatura torna-se mais popular, o que não acontecia com os estilos de época de características clássicas. Surge o romance, forma mais acessível de manifestação literária;

o teatro ganha novo impulso, abandonando as formas clássicas. Com a formação dos primeiros cursos universitários em 1827 e com o liberalismo burguês, dois novos elementos da sociedade brasileira representam um mercado consumidor a ser atingido: o estudante e mulher. Com a vinda da família real, a imprensa passa a existir no Brasil e, com ela, os folhetins, que desempenharam importante papel no desenvolvimento no romance romântico.

> "O espírito nacional formou-se aos saltos, embutido nos momentos difusos que marcaram o período de sede do Reino, como a revolução pernambucana de 1817, do 1º Reinado, como a Confederação do Equador, 1824, ou do 2º Reinado, como a revolução liberal, de 1842, a partir de São Paulo, e a Revolução Praeira, de Pernambuco, em 1848, além de outros movimentos localizados, menores, mas sinalizadores, de uma inquietação social no país". (Barreto, 1994, p. 163)**.**

Tobias Barreto, um dos representantes da terceira geração romântica (segundo Massaud Moisés, ou quarta geração romântica, de acordo com a classificação proposta por Afrânio Coutinho), também conhecida por Condoreira [*] . Essa geração é caracterizada por uma intensa impregnação político–social, nacionalista, pelo culto ao progresso, além de estar ligada aos ideais abolicionistas. Os poetas desse grupo apresentam grande preocupação formal, que leva o grupo a experiências que, aliadas ao clima de realismo literário e filosófico, conduzem à poesia num rumo de transição, algo como um "romantismo realista".

3. TOBIAS BARRETO, UMA VIAGEM PELA CULTURA LITERÁRIA

No dia 7 de junho de 1839 nasceu Tobias Barreto de Meneses, na vila sergipana de Campos, dos sertões de Rio Real, antigo nome da cidade que hoje leva o nome do poeta - Tobias Barreto. Filho de Pedro Barreto de Meneses, escrivão de órfãos e ausentas da localidade, tornou-se o patrono da Cadeira nº 38 da Academia Brasileira de Letras.

---

[*] O termo condoreiro vem de condor, ave que habita a Cordilheira dos Andes. O Condor, por conseguir alcançar grandes altitudes, representa o alto vôo que a palavra pode alcançar em defesa da liberdade.

Tobias Barreto ocupa na história cultural do Brasil um lugar destacado, não apenas pela vasta obra que legou, aos do seu tempo e aos pósteros, mas pela sua visão lúcida, passando a limpo um País cuja sociedade convivia com a escravidão dos negros africanos e era atrasada culturalmente. Coube justamente a ele abrir os caminhos para a contemporaneidade da cultura e isto significou o debate de novas idéias que o cientificismo, pelas suas diversas formas de difusão – positivismo, Evolucionismo, Modismo, etc. – colocava sucessivamente.

Três fases marcaram a vida de Tobias Barreto durante seus 50 anos de vida. Tido como poeta de guerra, escreveu poesias de guerra, passando a ser um incentivador dos voluntários da pátria, além de guia do povo, durante a Guerra do Paraguai. Depois, passou a direcionar-se para a crítica religiosa, política e social e divulgar as descobertas científicas. O terceiro momento do poeta se dá quando ele deixa de ser um livre pensador, filósofo e crítico para ser professor da Faculdade de Direito de Recife. Toda a obra tobiática resistiu ao tempo. Sua poesia, reunida no livro *Dias e Noites*, cuja 1ª edição é de 1881, é uma amostra qualificada do romantismo, na fase social ou engajada. Seus estudos de direito, compreendendo a filosofia do direito, o direito criminal, contêm aspectos renovadores, que são ainda hoje referências ao dispor dos exegetas. Sua crítica literária, principalmente as de literatura comparada, sua crítica religiosa, sua crítica social, dão ao repertório brasileiro uma contribuição bibliográfica essencial, pelo registro competente e pelos enfoques contextualizados com a cultural nacional. Na verdade, toda a obra do pensador sergipano tem o alcance da coerência e está destinada a alterar os conceitos então vigorantes, prolongando-se no tempo, como ocorreu, sem prejuízo da atualidade.

Seu primeiro professor, ainda em Sergipe, foi o Manuel Joaquim de Oliveira Campos. Estudou latim com o padre Domingos Quirino. Na cidade de Itabaiana, aos 15 anos de idade, começou a ensinar a matéria. Em 1861, aos 22 anos de idade, seguiu para a Bahia

com a intenção de freqüentar um seminário, mas desistiu de imediato. No ano de 1870 ingressou na célebre faculdade de Direito no Recife (ao lado de São Paulo, um dos centros de efervescência intelectual no Brasil do Segundo Reinado), foi o expoente de um movimento cultural que teve por objetivo deslocar o centro irradiador de cultura para o Brasil da França para a Alemanha, movimento esse que se convencionou chamar "Escola do Recife[1]".

O período em que estuda Direito na Faculdade do Recife coincide com a migração para o Brasil das teorias cientificistas, então em voga na Europa por volta de 1870. Tais teorias se manifestam em Tobias Barreto na leitura de nomes como Haeckel e Darwin, embora tenhamos que ressaltar uma visão bastante pessoal dessas teorias desenvolvidas mais tarde por Tobias Barreto. Um exemplo da quase obsessão pelo método científico na época se evidencia no trecho a seguir do autor brasileiro, quando a psicologia não é alçada ao ramo de ciência, gerando um equívoco que hoje em dia se mostra dissipado: "Eu já o disse: - o defeito capital da psicologia como ciência de observação é a falta absoluta de dados para se formarem exatas e profundas previsões". (p. 32. Filosofia e Crítica).

Tobias Barreto não fora inicialmente diferente dos intelectuais de sua época: as teorias e autores franceses em voga no século XIX brasileiro também constituíram a base de seu crescimento intelectual. Segundo Sílvio Romero, por volta dos trinta anos, Tobias se mostra insatisfeito com tal francesismo e na década de 70 se inicia o amor pela língua e cultura germânicas, que lhe valeria o epíteto de exótico no país cuja capital intelectual era Paris. Aqui não se afirma que Tobias tenha sido o precursor desse caminho[2], porém seu espírito polêmico, inquieto, seu empenho em desmascarar os pretensos "intelectualóides" daquela sociedade, além do entusiasmo confesso e arrebatador pelas letras germânicas, chamavam a atenção de seus contemporâneos.

> "A meditação filosófica de Tobias Barreto um historiador de idéias e um divulgador, revelando uma singularidade do Brasil, a da recepção eclética e do sincretismo, gerando uma filosofia própria, nacional. Tobias captou, principalmente da Alemanha reformada, o pensamento filosófico novo, materialista, que incorporou o direto, a antropologia, as ciências naturais, reformando a filosofia como instrumento revelador da vida cultural do homem e da mulher. Foi Tobias, ainda, quem melhor deu

> curso à discursão sobre natureza e cultura, criando as bases do Culturalismo, que hoje e cada vez mais ganha espaço nos ambientes filosóficos". (Barreto, 1994, p.164).

Tobias Barreto, com sua vida e suas obras, deixou um exemplo coerente de luta, que continua válido para a sociedade brasileira. No seu tempo, quando a cultura era marcada pelo sinete da fé, e a ciência era uma novidade de poucos, o embate tomou caráter filosófico. Do mesmo modo, quando a escravidão ditava as regras da economia rural, o privilégio orbitava entre os senhores de terra e seus apadrinhados, a luta pelo direito era uma questão inadiável. Assim, com sua visão crítica, Tobias Barreto mudou o Brasil, inaugurando um pensar nacional.

3.1. TOBIAS BARRETO: INTERSEÇÃO DE UMA CONCEPÇÃO RELIGIOSA

Os escritos legados por Tobias Barreto revelam um interesse especial pela teologia (principalmente pelo estudo da teologia judaica, apoiando-se nas obras de Heinrich Georg August Ewald –Geschichte dês Volkes Israel e de Heinrich Graetz, Geschichte der Juden) e pela crítica da religião voltada para o catolicismo. Trata-se aqui de uma ironia do destino, pois em 1861, Tobias parte para a Bahia com intenções de entrar para o seminário pensando ter vocação para padre. Porém, na primeira noite enclausurado desistiu da idéia.

Nos textos de Tobias, dentre as várias menções feitas a Heine[†], se apropriando ou não das palavras do autor alemão, verifica-se a forte presença de um eixo temático: a religião. Evidencia-se que o autor brasileiro não se limitava à leitura da obra lírica de Heine

---

[†] **Christian Johann Heinrich Heine** (1797-1856) foi um poeta judeu alemão. Foi um importante poeta do século XIX. Heine é melhor conhecido pela sua poesia lírica, boa parte da qual (especialmente a sua obra de juventude) foi orquestrada por vários compositores musicais, notavelmente por Robert Schumann mas também por Franz Schubert, Felix Mendelssohn, Fanny Mendelssohn, Brahms, Hugo Wolf, e Richard Wagner; e no século XX Hans Werner Henze e Lord Berners. Descobriu que tinha sífilis aos 44 anos. Nos últimos anos de vida viveu exilado em Paris.

(relativamente popular no Brasil desse século), mas também revela um conhecimento da prosa e uma apreensão justa do pensamento do autor, pois evocar Heine conhecê-lo bem, é evocar todo um complexo de idéias que tem como um dos principais fios condutores a questão da religião e Tobias não era indiferente a essa verdade da conjuntura poética do autor. Comentar Heine, ignorando sua concepção religiosa, é desconhecer ou fazer por esquecer uma boa parcela de seu pensamento, comprometendo inclusive a compreensão de sua própria produção lírica: Tobias Barreto não incorreu em tal erro. Embora Tobias não tenha dedicado nenhum de seus escritos à análise da obra de Heine de per si, suas referências a Heine são marcadas por um tom de familiaridade com a obra do escritor, tom proposital que causa no leitor a sensação da evocação de um interlocutor para o artigo de Tobias, de uma voz magna com uma intervenção decisiva para o assunto tratado. Verifica-se, no tocante à temática da religião, uma recepção concentrada na fase mais radical de Heine, quando seus textos dos anos 30 e 40 apontavam a religião, principalmente o cristianismo e o judaísmo, como um entrave ao desenvolvimento de uma consciência crítica no homem, mormente no povo, na parcela não pertencente às elites. Tal recepção por parte de Tobias dita uma diferença no pensamento dos dois autores com relação à religião segundo a leitura do escritor brasileiro, concepção essa revelada pelo comentário em tom jocoso sobre Heine inserido no seguinte trecho, contidono texto: “Um discurso em mangas de camisa“ de 1877(vide biblio.):

> “Convençamo-nos enfim: - a religião é o que é - uma inspiração do desconhecido, um alto pressentimento, uma necessidade, um arroubo da alma, e talvez também uma tolice, como diria H. Heine, mas isto ou aquilo, onde ela se manifesta sincera, a religião é inexplicável, irredutível a uma fórmula intelectual[3]“ (p.61).

O trecho supracitado está no apêndice do texto „Um discurso em mangas de camisa“ intitulado: Discussão sobre a Religião. Tal livro realmente fora um discurso proferido por Tobias quando da inauguração do “Clube de Escada”, o qual, tendo sido fundado pelo próprio, embora tenha tido vida curta, visava à discussão de temas da atualidade junto aos cidadãos daquela comunidade. Nesse apêndice, cujo assunto o próprio título indica, apesar da

crítica ao sistema religioso, Tobias faz questão de delinear que considera a religião como uma concepção imanente ao ser humano, embora detecte uma série de aspectos negativos, pois "a religião é inexplicável", e as tentativas da época favorecidas pelo cientificismo em tentar aboli-la se mostram vãs.

Esse pensamento se revela bastante claro num trecho anterior ao comentado, pertencente ao mesmo apêndice: Não há, portanto, razão suficiente, máxime entre nós, para ter-se a religião como dispensada do seu mister de iludir e de consolar. Ainda por muito tempo, e quem pode assegurar que não sempre o organismo social terá funções religiosas, e carecerá para elas de órgãos especiais. (p.61)

Faz-se mister ressaltar, que embora a relação de Tobias com a religião tenha sido um ponto conflituoso, observa-se nos seus escritos sobre a religião uma preocupação em separar a crítica contra as instituições religiosas e a crítica ao sentimento religioso, que se reflete num esforço freqüente em não ser considerado um ateu: "Apadrinho-me logo com estas linhas, que tudo pode conter, menos um manifesto de intuição ateística, para que, no correr do presente artigo, não se receba em mau sentido a expressão de certas verdades(...)" (A vida religiosa no Brasil, p. 260)".

É bem verdade que Tobias pôde encontrar nos textos de Heine declarações deste autor que o fizessem estabelecer essa tênue linha divisória entre os dois, principalmente se considerarmos a junção da revolta de Heine voltada para o papel manipulador e dominador da Igreja com a influência, sobretudo nos anos 30, recebida da doutrina saint-simonista[‡].

Os textos de Tobias denotam um grande interesse do autor pela teologia judaica, revelando-se radicalmente contra o anti-semitismo. Com relação especificamente a Heine,

[‡] O saint-simonismo pretende não somente revolucionar a estrutura sócio-econômica da humanidade em direção ao desenvolvimento do homem no sentido iluminista, como também se reveste de uma postura messiânica, apontando a si mesmo como a nova religião a ser seguida por essa nova sociedade que tem por objetivo primeiro o bem-estar social e a eliminação do sistema de privilégios e da rígida estratificação social, que consistiam em heranças medievais.

nota-se que Tobias tem consciência de que Heine é marcado pelo estigma de ser um autor judeu, mostrando-se Tobias sabedor da influência do fator judaico na recepção da obra desse autor, como demonstra o seguinte trecho de 1880 dirigido ao Visconde de Taunay, após ter sido feita a associação entre o compositor Meyebeer e Heine. Ambos estão inseridos num mesmo contexto histórico de judeus alemães que criticam a Alemanha e se estabelecem na França. Para corroborar sua opinião, Tobias evoca Heine como exemplo de um judeu que constitui um expoente na literatura alemã: Não precisa recordar que entre os grandes provocadores do movimento espiritual na Alemanha, depois da Revolução de Julho, contam-se dois semitas, Heine e Börne.(p. 74).

3.2. POLÍTICA E SOCIEDADE NA ABORDAGEM DE TOBIAS BARRETO

Conforme o leitor vai se familiarizando com a obra de Tobias Barreto, vai se acentuando a imagem de um intelectual com caráter revolucionário para seu tempo: defensor da emancipação feminina, avesso à ditadura do poder moderador, denunciador dos falsos intelectuais que conseguem se estabelecer por meio de politicagem ou pela simples confiança na ignorância de uma maioria, questionador arguto da omissão da Igreja na construção de uma sociedade mais digna, além de reivindicador desde aquele tempo de uma revisão no código penal brasileiro. Seus escritos estão marcados por um interesse constante na extinção do sistema de privilégios e na dissipação da miséria econômica e intelectual da grande massa do povo.

Segundo Reinado, se mostrando bastante severo em seus julgamentos, tangenciando às vezes o pessimismo: “Não há domínio algum da atividade intelectual em que o espírito

brasileiro se mostre tão acanhado, tão frívolo e infecundo como no domínio filosófico[4]" (p. 236, Questões Vigentes).

Diante das agitações políticas de seu tempo que se acirraram a partir da década de 70, se mostra sugestivo aventar a possibilidade da simpatia de Tobias pelo movimento republicano da época, principalmente em face de sua constante oposição ao imperador[5] e até mesmo atribuir-lhe um caráter revolucionário no sentido da emancipação de idéias promovida pela Revolução Francesa. No entanto, conforme há um aprofundamento na leitura desse autor, revela-se patente uma questão paradoxal: Tobias não era entusiasta das duas grandes temáticas que dominaram o panorama político da segunda metade do século dezenove brasileiro: o movimento republicano e o abolicionismo. Tobias não é afeito ao republicanismo, muito menos partidário dos ideais da Revolução Francesa. E embora Tobias tenha dado passos importantes no tocante à discussão dos temas de seu tempo, surpreendentemente não há em sua obra nenhuma expressão de indignação com relação à escravidão no Brasil, sua voz é omissa, não se declara como escravocrata, porém não há nenhum engajamento favorável de sua parte com relação ao tema referido[6]. Tobias não se restringiu ao mundo das idéias, teve inclusive uma participação rápida na política, tendo sido membro da Assembléia Provincial de Pernambuco, à qual se candidatou em 1878 pelo Partido Liberal, tendo sido eleito. Convém ressaltar que o pretenso "Partido Liberal" da época consistia numa política de liberalismo econômico visando à quebra da hegemonia do Partido Conservador, no entanto em termos sociais não se aplicava em seu programa o conceito de "liberalismo". Tobias aspirava a uma revolução do pensamento e da política brasileira, porém esta era uma revolução no âmbito intelectual, quanto à revolução feita pelo povo, a revolução que tinha como preço o sangue, Tobias lhe tinha horror:

> "A revolução é um meio anormal, anômalo, bárbaro de fazer valer os direitos (...) desconfiemos de uma soberania que para se acentuar obriga o povo a recuar séculos, a tornar-se bárbaro, cruel, besta, derramando sangue, fazendo ressuscitar o elemento atávico[7]" (Estudos de Direito, V.II, p. 76).

A análise do pensamento de Tobias Barreto não pode deixar de levar em consideração a circunstância em que se desenvolveu sua atividade. Tobias orientou todo o seu esforço intelectual para o rompimento do isolamento cultural do seu meio, pelo lançamento de pontes de contato e de diálogo com o pensamento europeu, sobretudo o de origem germânica, num quadro de críticas às doutrinas fáceis do positivismo que imperava no Brasil do seu tempo, e, portanto, de corajosa abertura do horizonte cultural aos problemas superiores do espírito. No entanto, radica porventura nessa mesma circunstancialidade o aspecto que diríamos menos simpáticos de seus escritos. Referimo-nos ao polemismo, que nos sugere estreitamente articulado com uma generosa intensão reformadora obrigando-o a uma atividade intensa, febril e dispersa que nem sempre lhe conferiu a serenidade imprescindível para a sua visão cultural. Daí o caráter tantas vezes azedo e acintoso de seus textos, a visão asperamente depreciativa do seu meio cultural, em correlação com o deslumbramento perante determinados pensamentos europeus, eleitos em padrão de aferição e tribunal de apelação da visão cultural autêntica.

Todo o seu esforço orientará para uma luta pelo progresso de Pernambuco e do Brasil, e, entendendo o cidadão como (a forma social do homem), tal como o Estado seria (a forma social do povo), proclamou aos seus concidadãos que "Não somos nós que temos tudo a esperar do futuro; é o futuro que tem tudo a esperar de nós[8]", clamando pela intervenção social dos intelectuais. Daí a sua abertura às idéias, mas, sobretudo a sua abertura à sua sociedade, às grandes questões do trabalho, do progresso industrial, da educação, da política, nomeadamente com seu esforço coerente de abolicionista e defensor do regime republicano, em combates expressos quantas vezes em jeito de polêmica nos periódicos do seu tempo. Este seu modo de postular o problema social como processo de luta e combate árduo, gerador de progressiva harmonia – combate contra a luta natural pela vida – esse seu modo de definir as regularidades naturais como outras tantas irregularidades sociais, essa afirmação de que ser

natural não livra de ser ilógico, falso ou inconveniente, está na base de abordagens célebres com que analisou o problema da escravatura na sua sociedade que era ainda escravocrata, da criminalidade, desigualdade social e da situação da mulher.

È importante ressaltar, que Tobias Barreto era mulato, sendo assim fruto do cruzamento de distintas raças no grande processo de miscigenação brasileira, que seu companheiro da escola de Recife, Sílvio Romero[§], considerava também como um processo de igualização, realizado pela cultura, de algo que a natureza separa. E quanto a este aspecto, a vida de Tobias Barreto foi exemplar na coerência com que lutou por este ideal de cultura.

Numa sociedade, composta pro senhores de engenho e escravos, marcou a sua atividade como advogado e curador de escravos, na povoação de Escada, s como membro da Sociedade Nova Emancipadora, do Recife. Por outro lado, ele próprio sentiu no seu íntimo a dor do insulto e do preconceito racial de que foi vítima durante toda sua vida [8] , assumindo sempre, Como Refere Luiz Antônio Barreto, “ A sua origem mestiça , e a sua mulatice sergipana[8]”.

Nesta mesma linha de superação das desigualdades e das desarmonias da natureza, vêmo-lo aceitar a tese da tendência inata, e por isso natural, de certos indivíduos para o crime, logo acrescentando que a inexistência de criminalidade numa sociedade é o resultado da correção superadora da natureza pelo refinamento cultural. O mesmo se passa com o resultado natural da luta pela vida que é o da existência de ricos e pobres, ao qual se opõe o trabalho cultural, que consiste na harmonização dessas divergências, medindo a todos por uma só bitola.

[§] Sílvio Romero cursou a Faculdade de Direito do Recife, entre 1868 e 1873. Na década de 1870 colaborou como crítico literário, em vários periódicos pernambucanos e cariocas. Sua poesia vincula-se à terceira geração do Romantismo, influenciada pela obra de Victor Hugo.

4. ANÁLISE DAS POESIAS PATRIÓTICAS DE TOBIAS BARRETO

4.1. Guerra Holandesa

Na poesia Guerra Holandesa, Tobias Barreto cita o nome de alguns dos principais lideres da Insurreição Pernambucana. Movimento esse que uni as etnias da sociedade pernambucana. Podemos notar esse fato nos versos: “Barreto diz:somos poucos”, “General, brada Vieira”, “Camarão ruge: não temo !” “Henrique Dias: nem eu!’, que significa o comandante português Francisco Barreto de Menezes,o senhor de engenho Fernandes Vieira, o índio Felipe Camarão e o escravo Henrique Dias. A coragem desses homens em guerra que lutaram com amor pela sua pátria, levando com eles suas dúvidas e receios.

Com relação aos holandeses, os nordestinos eram tachados como loucos, por enfrentar uma nação que possuía munição, tecnologia e dinheiro, enquanto os colonos possuíam apenas espingardas, espadas e arcos -e- flechas.

Esses combatentes enfrentaram o desconhecido mesmo sabendo o risco que correriam lutando por sua terra e sua gente, com inexcedível bravura contra as tropas holandesas.

4.2. À Vista do Recife

A poesia “À Vista do Recife”, entrada triunfal para o condoreirismo que iria marcar sua trajetória poética de romântico da terceira geração.

Sua imaginação criadora evocara as tradições guerreiras de Pernambuco. Conclama a cidade de Recife, como, “cidade gloriosa”, por ter uma nação de guerreiros heróicos feitos

para a guerra, que comparam-se ao valente exercito espartano. Em seu progresso exibe-se com orgulho, pois detesta a classe dominante(tirania) e não torna-se súdita de ninguém . Refere-se a Recife como cabocla civilizada, cidade das gentilezas, guerreira com cicatriz de glória que do mundo será a maior.

4.3. Fim da Guerra

Tobias Barreto, com seu sentimento patriótico e nacionalista, tem como tema em sua poesia a Guerra do Brasil contra o Paraguai. Através dessa inspiração demonstra como o povo brasileiro se uniu para escrever uma das várias páginas da nossa história, devolve aos brasileiros a capacidade de crer novamente no futuro.

No verso: “E se sei que Deus foi justo, Sei que foi imparcial!” ,refere-se aos homens que morreram lutando em busca de glória, e venceram com a ajuda de um Deus que foi imparcial contra a mão do inimigo.

Na última estrofe: “È que há tantos triunfos, tantos brilhos, tantos louros que a historia não abarca, Que, repartidos pelo povo inteiro, Fica sempre um quinhão para o monarca...”. Defende e fortalece a nação quando retrata que se dessa luta existisse vitória, seria em favor do povo por todo sacrifício, pois uma nação unida tudo pode, e com lutas e batalhas árduas conseguem conquistar a vitória triunfal.

5. CONCLUSÃO

Tobias Barreto exercia uma notável liderança. Primeiro com a poesia da guerra, depois com a crítica religiosa e filósofa. A incorporação ao pensamento alemão se dá no campo do Direito, da crítica literária, da filosofia, da crítica artística e na crítica social. Ele foi

buscar conhecimento nas fontes alemãs e acabou fazendo um atalho que beneficiou a cultura brasileira da época.

Diríamos que Tobias Barreto Chamou a si o papel de reformador de uma situação cultural que não coibiu de pintar com cores bem escuras. Independentemente de ser ou não correta a apreciação, que se sucedeu à tentativa dos autores românticos, orientada para a tematização dos valores nacionais, importa de fato não perder de vista esta atitude crítica e reformista no esforço da compreensão e leitura da sua vasta obra, que se estende desde a filosofia, à literatura, da crítica religiosa à crítica social e política. È pois dentro deste contexto, que convida desde logo a uma precaução da parte de quem analisa os textos, que importa compreender a obra de Tobias Barreto, que foi sem dúvida um dos mais expressivos filósofos oitocentista.

Pela nossa parte, sentimo-nos tentados a pesquisar sobre a trajetória desse renomado filósofo, bem como, fazer uma análise de algumas de suas poesias patrióticas. Visto que, verifica-se a escassez na literatura do tema apresentado neste trabalho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BARRETO, Tobias. **A questão do poder moderador e outros ensaios brasileiros**; seleção e coordenação de Hildon Rocha, introdução de Evaristo de Moraes Filho, Petrópolis: Vozes; Brasília, INL, 1977.

2. _____. **Discurso em mangas de camisa**. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1970.

3. Estudos alemães.In: BARRETO, Tobias.**Obras Completas**. Rio de Janeiro: Ed. Paulo, Pongetti & C., 1926. V.VIII.

4. _____. Questões vigentes. In: BARRETO, Tobias. **Obras Completas**. Rio de Janeiro: Ed. Paulo, Pongetti & C., 1926. V. IX.

5. _____.Vários escritos. In: BARRETO, Tobias. **Obras Completas**. Rio de Janeiro; Ed. Paulo, Pongetti & C., 1926. V. X.

6. CÔRTES, Paulo Campos. *Tobias Barreto:* **antologia de idéias, uma revelação** /s.l. /: Radial artes gráficas, 1974.

7. _____.Estudos de direito. In: BARRETO,Tobias.**Obras Completas**. Rio de Janeiro: Ed. Paulo, Pongetti & C., 1926. V. I.

8. CF, Luiz Antonio Barreto, **Tobias Barreto**, Aracaju-SE, 1994, p. 161-177; 270-277.

9.http://<www.cervantesvirtual.com/servlet/SirveObras/01372720868028727311680/hispanismo02_calafate04.pdf> acesso em: 28/04/2007 às 16:27h

10. CALAFATE, Pedro. **O pensamento filosófico de Tobias Barreto**. Universidade de Lisboa.

APÊNDICE A

1 - Aqui estão enumeradas as obras publicadas pelo próprio Tobias até 1889, segundo o compêndio A questão do poder moderador (vide biblio.) p.19: Filosofia e Crítica, a primeira edição em 1875 e a segunda em 1889; Discurso em mangas de camisa, em 1879; Dias e Noites, em 1881; Estudos Alemães, em 1883; Menores e Loucos, a primeira edição em 1884 e a segunda em 1886; Discursos em 1887 e Questões vigentes em 1888.

ANEXO 1

POESIAS DE TOBIAS BARRETO

Guerra Holandesa

Barreto diz: “Somos poucos
De encontro ao troço holandês;
Que vamos fazer, ó loucos?
Morrer inglórios, talvez...”
“General, brada Vieira,
Foi minha a idéia primeira,
O passo primeiro é meu!
Morreremos neste extremo...”
Camarão ruge: “não temo!”
Henrique Dias: “nem eu!”.

Á Vista do Recife

É a cidade valente
Brio da altiva nação,
Soberba, ilustre, candente
Como uma imensa explosão
De pedra, ferro e bravura,
De aurora, de formosura,
De glória, fogo e loucura...
Qem é que lhe põe a mão?

Mágoas tem que estão guardadas,
Quando as vingar é sem dó!
Raça das Romas tombadas,
Das Babilônias em pó,
Quer ter louros que reparta;
Vencer, morrer não lhe farta...
Grande, d’altura de Esparta,
Afronta o mundo ela só!...

Com os seios intumescidos
Do germe de muito herói,
Tem nos olhos aguerridos
Fulmínea luz que destrói.
Detesta a classe tirana,
Consigo mesma inumana,
Vê seu sangue que espadana,
Ri de raiva, e diz: não dói...

No seu pisar progressivo
Ostenta um certo desdém;
Suspendendo o colo altivo,
Não rende preito a ninguém.

Lê no céu seu fado escrito,
Quando o Brasil solta um grito,
Franze a testa de granito,
E diz ao estrangeiro:vem!...

Sim, eu vejo ainda a espada,
Na tua destra reluz,
Cabocla civilizada
De pernas e braços nus,
Cidade das galhardias,
Que no teu punho confias,
Coeva de Henrique Dias,
Guerreira da Santa Cruz!

Estremecida, ridente,
Como que esperas alguém.
Ouves um som de torrente?
É a grandeza que vem...
Teu hálito alimpa os ares,
Por cima do azul dos mares
Prolongam-se os teus olhares,
Que vão namorar além...

Não te pegam em descuido
Teu movimento é fatal.
E a liberdade, esse fluido,
Que forma o gládio, o punhal,
Nos teus contornos ondula,
Nas tuas veias circula,
E vai chocar-te a medula,
Dos ossos de pedra e cal.

È um lidar incessante,
Cai-te da fronte o suor;
Ferve tua alma brilhante,
E tudo é belo em redor.
O assombro lambe-te a planta,
Na estrela que se alevanta,
Pousado o teu gênio canta:
Vai ser do mundo a maior!

Tens aberta a tua história,
Laboras como um crisol;
Como um estigma de glória,
Nos ombros queima-te o sol.
A guerra, a guerra é teu cio,
Fera!... O estrangeiro frio
Se aquece ao beijo macio
Dos teus lábios de arrebol.

Assopras nas grandes tubas,
Que despertam as nações;
Eriçam-se as férreas jubas,
Uivam as revoluções...
Teus edifícios dourados
Vão-se erguendo, penetrados
Da voz dos Nunes Machados,
Do grito dos Camarões!...

Fim da Guerra

Se há hora que mais prezemos
O direito de morrer
Por aquilo que devemos
Peito e braço oferecer,
É quando o lábio não mente,
Quando a alma estua fremente,
Porque libérrima gente
Sufoca um povo servil!
E o astro aceso da glória,
Mais o gládio da vitória,
Mais um folha da história
Reluz na mão do Brasil!

De sangue levada a custo
Venceu-se a luta mortal;
E se sei que Deus foi justo,
Sei que foi imparcial!
Contra o ferro paraguaio
Forja-se aqui muito raio;
Não há tremor, nem desmaio,
Nem lei que faça esbarrar.
Na hora do desengano
Cresce o valor sobre-humano
E a cabeça do tirano
No abismo ouviu-se rolar

Se houvesse dessa luta uma só glória,
Um só raio de luz invisível,
Este era todo para dar-se ao povo,
Que ainda sente o sacrifício horrível.

E se do seio popular brotaram
Combatentes de homérica estatura,
Por que entre os semideuses da vitória
A presença do rei também figura?

É que há tantos triunfos, tantos brilhos,
Tantos louros que a história não abarca,
Que repartidos pelo povo inteiro,
Fica sempre um quinhão para o monarca...

ANEXO 2

FOTOS

Foto 1: Tobias Barreto

Foto 2: Francisco Barreto de Menezes

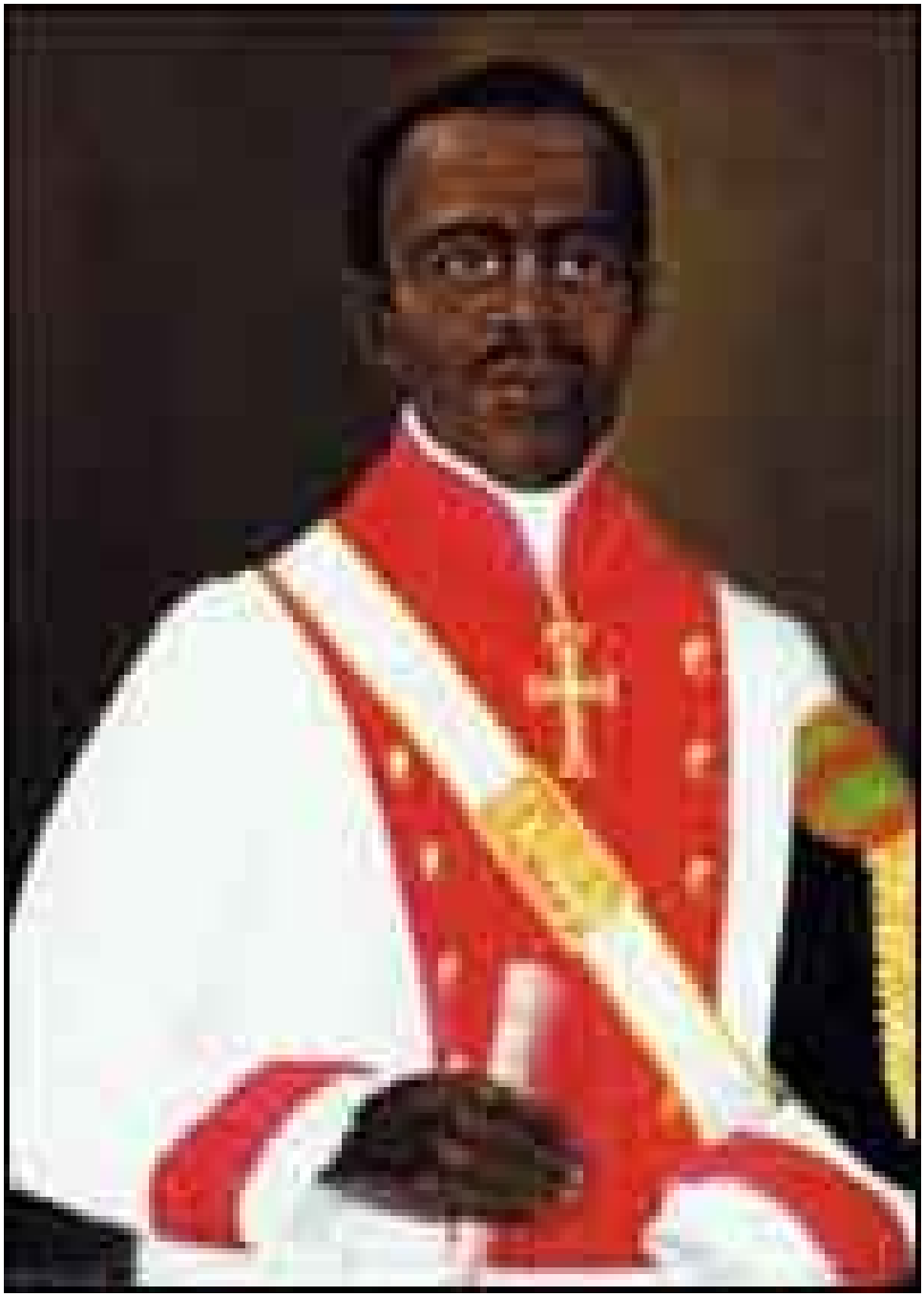

Foto 3: Henrique Dias

Foto 4: Fernandes Vieira

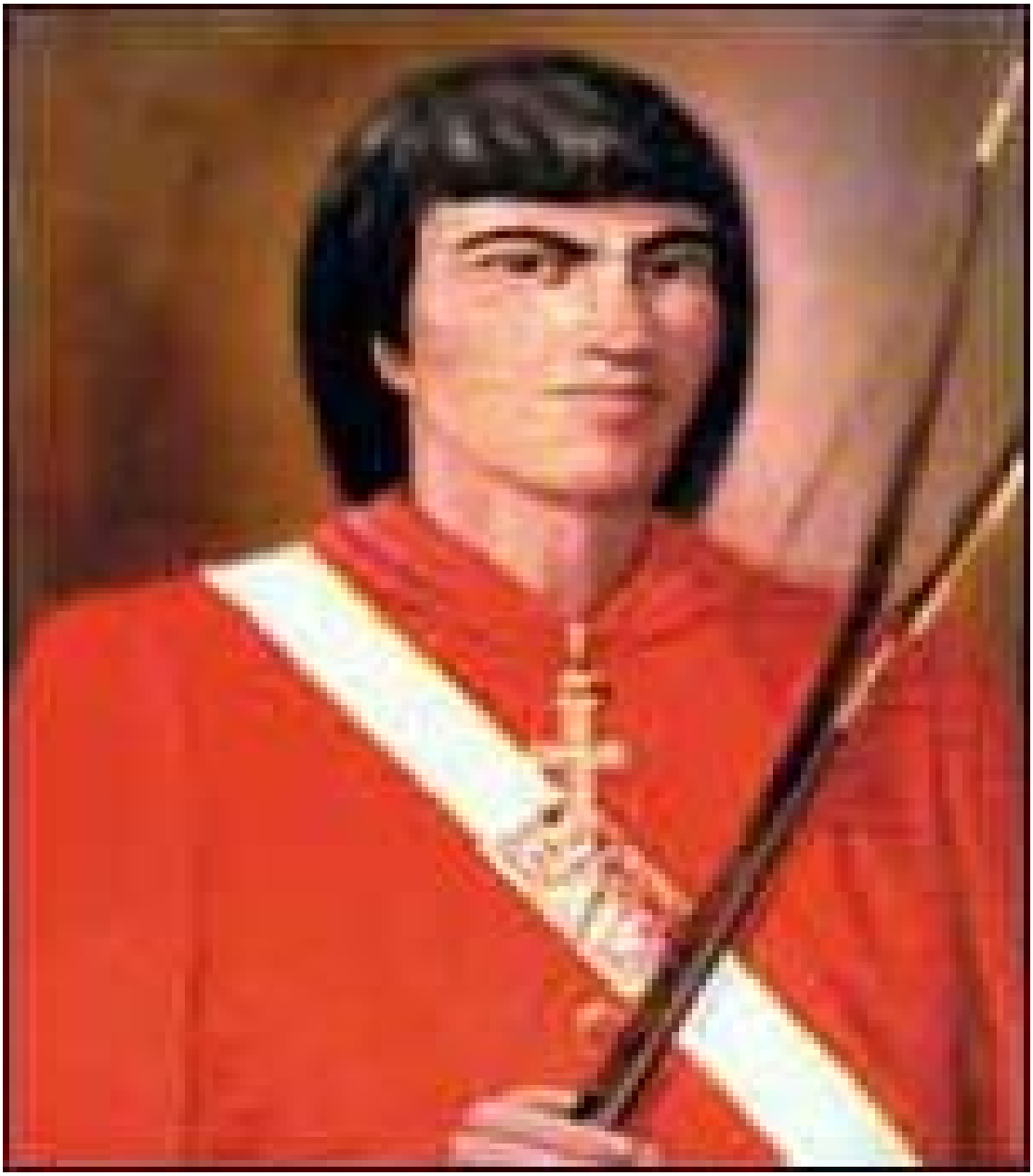

Foto 5: Felipe Camarão